

A GUERRA DA ARGÉLIA

Coronel Gilles Martin, Exército Francês

É difícil discutir a Guerra da Argélia com a objetividade de um historiador. Gerações de argelinos e franceses – políticos e soldados – estiveram intimamente envolvidas nesses eventos. Em ambos os países, falar sobre a Guerra da Argélia significava, e ainda significa, aventurar-se no domínio político.

O objetivo deste artigo é descrever as distintas fases da guerra e tirar lições que possam ser usadas em operações contemporâneas de contra-insurreição. Os dados históricos deste trabalho foram retirados dos livros do historiador francês Yves Courrières. Os seus trabalhos foram amplamente criticados por partidários da Argélia Francesa e por ex-membros da Frente de Libertação Nacional da Argélia, o que indica a sua objetividade. Sem dúvida há outras versões dos fatos.

Este artigo utiliza o termo argelino-francês referindo-se aos cidadãos franceses que nasceram e foram criados na Argélia.

— O Autor

A GUERRA DA Argélia começou em 1º de novembro de 1954 e terminou oito anos mais tarde, em 1962, com a Independência da Argélia. Foi uma guerra colonial entre a França e o povo argelino, no entanto também foi uma guerra civil entre os simpatizantes argelino-franceses e seus opositores argelinos pró-independência, e se transformou, durante os últimos meses, numa guerra civil entre os intransigentes da Argélia francesa e os seguidores da política

desenvolvida pelo General De Gaulle. O Exército Francês teve que travar uma guerra contra guerrilhas, insurreição e terrorismo, uma guerra “revolucionária”, na qual a conquista da população estava em jogo, exatamente como ocorreu na guerra recém-terminada na Indochina, com a derrota em Dien Bien Phu. Naquela época, o Exército Francês considerava essa guerra uma vitória militar, por outro lado, o poder político não concordava com essa vitória.

Esse conflito criou um profundo trauma na sociedade francesa e um trauma ainda maior no Exército. As feridas cicatrizam lentamente e são reabertas com a mínima provocação. Até mesmo a escolha da data de comemoração do fim da guerra continua a dividir a geração que presenciou os efeitos dessa guerra. Em suma, as conseqüências dessa guerra tornam as relações entre a França e a Argélia particularmente complexas, assim como as relações entre o povo francês e os imigrantes argelinos, num relacionamento no qual o ressentimento, a nostalgia, o arrependimento, o remorso, a culpa, o esbanjamento e desperdício de oportunidades estão misturados entre os dois povos, como numa estória de amor que termina num difícil divórcio – que poderia ter tido um final feliz.

UM CENÁRIO PARA OS AUTORES TOM CLANCY OU ROBERT LUDLUM?

Seria arriscado ousar estabelecer uma comparação. No entanto, tente imaginar a seguinte situação: parte

da população de um estado dos EUA declara a sua independência e inicia uma insurreição armada que mistura atividades de guerrilha com terrorismo urbano. Um Exército de dois milhões de soldados norte-americanos é desdobrado durante oito anos no território separatista.

As Forças Armadas dos EUA, apesar de sua tradição de obediência ao poder político, rebelam-se contra o Presidente e o Congresso e, com o apoio de uma importante parte da população, exigem e obtêm o afastamento do Presidente, uma nova Constituição, assim como a eleição de um Presidente que consinta os desejos militares a respeito da administração da guerra. Posteriormente, após ter decidido dar fim à guerra, o Presidente é derrubado por um golpe de estado orquestrado por quatro dos generais de maior prestígio, apoiados pela 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres, Comandos do Exército e regimentos do Corpo dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Essa situação tem um final dramático: um movimento terrorista antigovernamental, constituído por desertores militares, tenta assassinar o Presidente, e a Guarda Nacional abre fogo contra manifestantes que carregando a bandeira estrelada cantando o hino nacional dos EUA, proclamavam seu desejo de continuar sendo americanos. Quatro milhões de cidadãos americanos traumatizados fogem do território declarado independente e desembarcam, com temor, em multidões nos cais de Nova Iorque e São Francisco. Isso tudo seria inimaginável?

É exatamente o que os franceses teriam pensado em 1º de novembro de 1954, caso tivessem feito essa pergunta.

ARGÉLIA – 1954

Em 1954, “Argélia é França”. Pelo menos foi o que os franceses pensaram, o que foi ensinado às crianças nas escolas e, é claro, o que o milhão de cidadãos argelino-franceses¹ que viviam na Argélia pensavam — um milhão, do qual 14% (uma elevadíssima percentagem) haviam sido mobilizados, desde 1942, para a libertação da França junto aos aliados. Isso é o que o setor político proclamou, com unanimidade, após o atentado de 1º de novembro de 1954 (dois soldados mortos, um muçulmano pró-francês e três civis assassinados e algumas bombas caseiras explodidas em Argel).

A Argélia foi conquistada em 1830 e transformada em colônia de ocupação, evidentemente em detrimento da população nativa, muito semelhante ao caso da América do Norte. A Argélia foi administrada aparentemente como se fosse a França metropolitana.

Entretanto, havia uma grande disparidade entre a França e a Argélia: na Argélia havia dez milhões de muçulmanos argelinos privados de todos os direitos políticos e 99% da economia estava nas mãos dos

cidadãos franceses, muitos dos quais nascidos e criados na Argélia e que lá viviam. Sendo obrigados a lidar prioritariamente com as graves conseqüências da II Guerra Mundial (acionamento, reconstrução, violentas greves de trabalhadores, a Guerra Fria e a Guerra da Indochina), os governos seguintes nunca tiveram a vontade ou a bravura de elevar a condição dos argelinos, apesar do difundido movimento de descolonização e do papel assumido e desempenhado pelos soldados argelinos nas Guerras Mundial e da Indochina.

O sentimento nacionalista, aparentemente, era menos virulento do que no Marrocos ou na Tunísia, que haviam acabado de obter suas independências. Há seis possíveis explicações para isso:

- Em 1830, a população argelina foi submetida a uma transformação de sociedade feudal à sociedade colonial.

ESSE CONFLITO [A GUERRA DA ARGÉLIA] CRIOU UM PROFUNDO TRAUMA NA SOCIEDADE FRANCESA E UM TRAUMA AINDA MAIOR NO EXÉRCITO. AS FERIDAS CICATRIZAM LENTAMENTE E SÃO REABERTAS COM A MÍNIMA PROVOCÇÃO. ATÉ MESMO A ESCOLHA DA DATA DE COMEMORAÇÃO DO FIM DA GUERRA CONTINUA A DIVIDIR A GERAÇÃO QUE PRESENCIOU OS EFEITOS DESSA GUERRA.

O domínio francês substituiu o domínio do Governador de Bey Argel e dos chefes das diferentes tribos, o que, na verdade, não agravou a situação do povo, pois, em ambos os casos, o povo argelino era privado dos direitos civis. Os franceses forneciam segurança, desenvolvimento econômico, erradicação de doenças e algumas medidas para a alfabetização. A presença de um milhão de colonizadores e os símbolos da soberania francesa no país eram tantos que grande parte da população via a situação com um senso de fatalidade: *Inch Alá* (Seja feita a vontade de Deus).

- O domínio francês recebeu o apoio de uma classe de muçulmanos notáveis (chefes tribais, juizes, clérigos e funcionários públicos), os quais, por sua vez satisfaziam seus próprios interesses. Algumas tribos apoiaram a França na época da conquista e posteriormente.

- Os veteranos ainda estavam, em sua maioria, a favor da França. Milhares de argelinos serviram no Exército Francês. Entre eles, 150.000 lutaram em campanhas na Tunísia, Itália e na libertação da França apenas dez anos antes, ou em combates na Indochina. Conhecidos como tropas de elite, eles ganharam grande fama, notavelmente na Itália (o rompimento da Linha Gustav) e sofreram perdas surpreendentes no lado da

Argélia francesa, mobilizados nas mesmas unidades. Como recompensa pelo sangue derramado, eles foram simplesmente condecorados com medalhas, pensões de veteranos de guerra e empregos como funcionários do governo. Muitos dos que esperavam obter a cidadania francesa ou a igualdade de direitos como a dos argelino-franceses foram atingidos pela ingratidão. No entanto, os vínculos da fraternidade adquiridos nos campos de batalha são inesquecíveis. Em 1954, raros indivíduos concebiam a idéia de lutar contra seus antigos companheiros no Exército Francês.

- Os esforços de alfabetização que afetavam parte das crianças, especialmente nas cidades e nas vilas, serviram para espalhar a língua e a cultura francesas. Sem abandonar a própria cultura, a elite muçulmana assimilou essa segunda cultura a qual estavam realmente vinculados.

- Os argelino-franceses se recusavam a conceder qualquer direito à maioria muçulmana. No entanto, lhe eram paternalistas e simpáticos no dia a dia. Nas fazendas e em alguns pequenos estabelecimentos, certas famílias se conheciam por gerações e já haviam criado vínculos de amizade.

- Por último e mais importante, a lembrança do sangue derramado nas revoltas anteriores teve um efeito dissuasivo; o equilíbrio das forças parecia ser esmagadoramente desproporcional. A última revolta acontecera recentemente em Sétif, em 1945, após a celebração do fim das hostilidades da II Guerra Mundial. Algumas das manifestações nacionalistas degeneraram-se em protestos. Certas famílias francesas foram massacradas e as severas sanções que se seguiram causaram milhares de mortes.

Por essas razões, a oposição nacionalista encontrou dificuldades em organizar e recrutar militantes. Muitos dos nacionalistas moderados acreditavam que era possível uma transição democrática e pacífica. Sua exigência prin-



cipal não era a independência, mas sim direitos iguais aos argelino-franceses. Poucos meses antes de 1º de novembro de 1954, um dos mais famosos membros da oposição, Ferhat Abbas, um intelectual muçulmano e veterano que mais tarde se aliaria à rebelião, exigira tão somente que os argelinos tivessem a oportunidade de se tornarem cidadãos franceses com os mesmos direitos. Tal exigência foi considerada perigosa pelas autoridades francesas, e logo Ferhat Abbas foi preso.

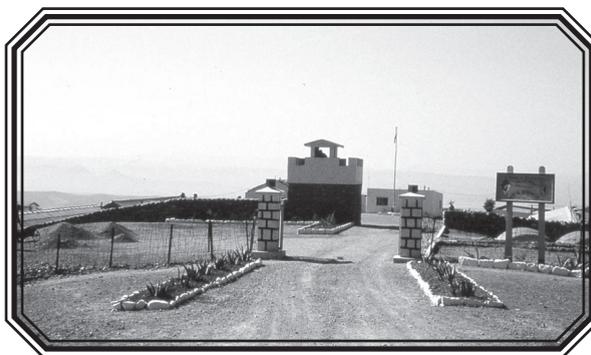
A GUERRA DOS OITO ANOS

1954 – 1957: Organização e tomada do poder da Frente de Libertação Nacional. Seis homens excepcionais, isolados e sem recursos, escolheram a luta armada para conseguir a independência, criando a organização denominada de Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA), que se converteria rapidamente na Frente de Libertação Nacional (FNL). Eles eram: Mustafa Ben Boulaid, Larbi Ben M'hidi, Didouche Mourad, Rabah Bitah, Krim Belkacem e Mohamed Boudiaf.

Durante os primeiros meses, os militantes tentaram principalmente sobreviver, criar os primeiros grupos de resistência (conhecidos como *Maquis*) e redes urbanas,

recrutar, tornar o movimento conhecido e propagar o sentimento nacionalista. No entanto, a população continuou a adotar uma postura de “esperar para ver”, ficando um pouco retraída, apresentando às vezes um comportamento hostil quando se recusava pagar o “imposto revolucionário”.

Os líderes da Frente de Libertação Nacional em Constantinois (nordeste da Argélia) perceberam, então, que os guerrilheiros não obtiveram muito sucesso em convencer a população a se aliar a eles. Eles deduziram que deveriam aumentar a violência, criando uma explosão de ódio, sangue e medo entre as comunidades francesa e muçulmana. Em 20 de agosto de 1955, eles fomentaram o fanatismo na população de alguns povoados,



nos quais começaram a massacrar os franceses. Dezenas de civis foram mortos ou mutilados. O Exército interveio distribuindo armamentos aos civis e a repressão resultante causou centenas de mortes na comunidade muçulmana. O objetivo dos rebeldes fora alcançado e tal tática generalizou-se. Como reação, o Exército aumentou sua pressão (realizando inspeções, prisões, interrogatórios, detenções e repressões) na população muçulmana, que, por sua vez, aliou-se à Frente de Libertação Nacional.

Igualmente, a Frente de Libertação Nacional decidiu exterminar por completo o seu rival — o Movimento Nacional Argelino. A guerra entre as organizações resultou em milhares de mortes, como ocorrido em Melouza, um povoado simpatizante do Movimento Nacional Argelino, onde mais de 300 civis foram massacrados.

Em 1956, a Frente de Libertação Nacional controlava regiões inteiras e impunha sua autoridade sobre a população muçulmana. O Exército Francês aumentou seu efetivo para 500.000 homens, no entanto frequentemente tinham que manter uma postura defensiva.

Apesar dos tangíveis ganhos militares, a Frente de Libertação Nacional compreendeu que a vitória não seria de natureza militar, e sim política. Eles viam a necessidade de que a Guerra da Argélia fosse discutida pela mídia internacional e na Organização das Nações Unidas. Em 1957, a Frente de Libertação Nacional começou a recorrer ao terrorismo urbano, detonando bombas nas ruas de Argel e causando dezenas de vítimas civis, o que atraiu a atenção do mundo e da ONU.

1957-1960: Derrota Militar, mas Vitória Política da Frente de Libertação Nacional: O governo francês tomou uma decisão de extrema importância. Ele garantiu poder absoluto ao Exército na Argélia e ordenou que restabelesse a ordem e a segurança, usando todos os meios disponíveis. As liberdades individuais foram suspensas na Argélia. A 10ª Divisão Pára-quedista ocupou

Argel. Em questão de semanas, a situação se reverteu. As células da Frente de Libertação Nacional foram desmanteladas, os três principais líderes — Larbi Ben M'hidi, Yacef Saadi e “Ali la Pointe” foram presos ou mortos, e o restante se escondeu em matagais das redondezas para fugirem posteriormente para a Tunísia.



Ao mesmo tempo, o Exército passou a controlar melhor o terreno, as fronteiras e a população. As baixas da Frente de Libertação Nacional aumentaram e o Exército retomou a iniciativa. O governo, então, procurou timidamente um fim negociado, o que provocou a ira dos franceses que viviam na Argélia e a descrença do Exército. Em 13 de maio de 1958, os argelino-franceses rebelaram-se e criaram o

“Comitê de Segurança Pública”, o qual rejeitava a autoridade do governo.

Posteriormente desencadearam-se alguns eventos verdadeiramente “revolucionários”, inexplicáveis quando extraídos do contexto, que provocaram uma mudança na Constituição.

O governo ordenou ao Exército, que legalmente retinha poderes militares e civis, que se opusesse aos insurgentes. Apesar de sua tradição de submissão absoluta à autoridade civil (como o Exército do EUA), o Exército aliou-se aos insurgentes e passou a fazer

parte do Comitê de Segurança Pública. O Exército, então, exigiu a abjuração do governo, uma mudança constitucional (a Constituição vigente à época fora adotada em 1946 e provava que o Poder Executivo era tão fraco que não tinha condições de resolver a crise), uma política da “Argélia francesa”, assim como a nomeação do General De Gaulle, o a única pessoa com prestígio suficiente para solucionar a crise como um Chefe de Estado. O Exército chegou até a preparar uma operação aeroterrestre em Paris.

O governo, impopular e sem autoridade, assim como a Câmara dos Deputados, incapazes de propor uma solução alternativa, aceitaram as exigências do Exército. A fim de restabelecer a legalidade do governo, o General



De Gaulle exigiu e recebeu a investidura da Assembléia Nacional e se apressou em organizar eleições, as quais ele ganhou de forma triunfante.

Ao mesmo tempo, o Exército aproveitou sua posição de força dentro do Comitê de Segurança Pública para impor aos argelino-franceses as reformas que eles recusavam desde 1945: igualdade de direitos civis e reformas sociais importantes que melhorariam a situação muçulmana. Devido ao fato de ter rigorosamente controlado a população dos bairros árabes após a Batalha de Argel, o Exército encorajou a população muçulmana para que organizasse manifestações nas áreas de concentração européia, para que se aderissem às ordens do Comitê de Segurança Pública, para defender os seus direitos, apoiar as reformas iniciadas pelo Exército e realizar um apelo público à

DURANTE OS PRIMEIROS MESES, OS MILITANTES TENTARAM PRINCIPALMENTE SOBREVIVER, CRIAR OS PRIMEIROS GRUPOS DE RESISTÊNCIA (CONHECIDOS COMO MAQUIS) E REDES URBANAS, RECRUTAR, TORNAR O MOVIMENTO CONHECIDO E PROPAGAR O SENTIMENTO NACIONALISTA. NO ENTANTO, A POPULAÇÃO CONTINUOU A ADOTAR UMA POSTURA DE “ESPERAR PARA VER”, FICANDO UM POUCO RETRAÍDA, APRESENTANDO ÀS VEZES UM COMPORTAMENTO HOSTIL QUANDO SE RECUSAVA PAGAR O “IMPOSTO REVOLUCIONÁRIO”.

ascensão do poder de De Gaulle. O Exército assumiu um grande risco com isso, devido ao abismo gerado pelo ódio cruenta que separava as duas comunidades, assim como pela lembrança de recentes atentados terroristas.

A manifestação generalizada se repetiu por vários dias e teve um enorme impacto: sob a influência do ambiente revolucionário e da intensa tensão psicológica da multidão, ambas as comunidades se uniram. Parecia que nada estava fora de alcance: a paz, a reconciliação, uma nova Argélia francesa — fraterna, bicultural e harmoniosa. O Exército tentou persuadir certos líderes da Frente de Libertação Nacional, como Yacef Saadi e até mesmo aqueles que haviam empregado artefatos explosivos, para se aliarem ao movimento de reconciliação. Uma turnê vitoriosa realizada pelo General De Gaulle na Argélia conseguiu persuadir o Exército e a população que a vitória e a paz estavam, de fato, próximas.

O impacto na Frente de Libertação Nacional foi enorme. O desejo de combater a resistência diminuiu consideravelmente durante vários meses. Os líderes da Frente de Libertação Nacional, instalados na Tunísia, tiveram dificuldades em motivar os membros da resistência que esperavam para ver como evoluía a situação em Argel e na França. Parte da população começou a se inclinar para o lado do Exército Francês e do General De Gaulle.

O General Challe foi nomeado novo comandante-em-chefe, e começou a aplicar, metodicamente, um plano para destruir os grupos de resistência. Em 1962, não havia mais de 5.000 membros da resistência, sem meios para conduzir operações ofensivas e cujo objetivo único era a simples sobrevivência. Cerca de 300.000 muçulmanos (em suma, grande percentagem de homens com idade suficiente para lutar na guerra) registraram-se no serviço do Exército. Parecia que a vitória militar tinha sido alcançada.

1961-1962: A Agonia da Argélia Francesa. Contudo essa quase vitória foi inútil. Ao contrário dos chefes militares, o General De Gaulle tinha uma visão geopolítica global e compreendia que o movimento de descolonização era apoiado firmemente pela comunidade internacional, embora a população argelina estivesse apreensiva com a situação. Ele concluiu que o lugar da França era na Europa, e não no Norte da África. O teor dos seus discursos evoluiu da Argélia francesa à Argélia argelina e, mais tarde, à Argélia independente. Ele rapidamente iniciou as negociações com a Frente de Libertação Nacional e preferiu lidar com os internacionalmente renomados líderes que estavam na Tunísia, em vez dos desencorajados chefes da resistência que lutavam na Argélia, como o Coronel Si Salah. Os acordos de paz, assinados na cidade de Evian em 16 de março de 1962, propunham um referendo de autodeterminação argelina, marcado para 1º de julho do mesmo ano. Tratavam, além disso, de temas como segurança para todos os argelinos, incluindo os franceses que viviam na Argélia e os *harkis* (soldados muçulmanos que serviam no Exército Francês).

O Exército foi incapaz de compreender a política do General De Gaulle e se sentiu espoliado de sua vitória. A falta de vontade para cumprir as promessas de uma Argélia francesa feita para os argelino-franceses que viviam no país e para os simpatizantes muçulmanos, levou certos elementos dessa força singular a organizar uma conspiração.

Em abril de 1961, quatro insígnias gerais, dos quais dois serviram como comandantes-em-chefe na Argélia, reagruparam uma dúzia de regimentos e tomaram o controle de Argel. Suas exigências: que o General De Gaulle adotasse novamente a política de uma “Argélia

francesa” e suspendesse as negociações com a Frente de Libertação Nacional. Ao contrário dos eventos de maio de 1958, entretanto, o restante do Exército manteve-se fiel ao governo do General De Gaulle, o qual apoiado pela opinião pública numa nação desgastada pela guerra, suplantou a tentativa de tomada de poder dos generais.

O FIM DA GUERRA NA ARGÉLIA FOI UMA TRAGÉDIA.

Os militares mais radicais e os argelino-franceses fundaram uma organização terrorista – A Organização Secreta do Exército. O referido grupo tentou assassinar o General De Gaulle e desencadeou o início de uma guerra civil com o governo, a polícia e o Exército Francês, além de uma guerra étnica contra a comunidade muçulmana. Algumas áreas em Argel revoltaram-se atacando unidades policiais e militares. A Força Aérea bombardeou as regiões controladas pela Organização Secreta do Exército onde já haviam sido assassinados centenas de muçulmanos. O Exército abriu fogo contra manifestantes argelino-franceses que carregavam a bandeira francesa e cantavam o hino nacional francês. Após 19 de março de 1962, seguindo os acordos de paz, o Exército Francês cumpriu o cessar-fogo, enquanto o combate entre a Frente de Libertação Nacional e a Organização Secreta do Exército continuava. Centenas de franceses foram seqüestrados e assassinados. Os argelino-franceses compreenderam, então, que não mais possuíam um lugar na Argélia. Em questão de semanas, um milhão de refugiados desesperados (2% da população francesa em 1962), desembarcaram nos cais no sul da França.

Milhares de muçulmanos pró-franceses emigraram para a França, mas a maioria deles, prefeitos, chefes tribais, *harkis*, escolheu ficar na Argélia, pensando que estava protegida pelo tratado de paz. Aproximadamente 150.000 foram imediatamente massacrados.

A baixa de vítimas civis e militares ainda é tema de debate. Os dados seguintes são oriundos do Ministério da Defesa da França:

- 22.755 soldados franceses mortos, dos quais 7.917 mortos em acidentes e outros 56.962 feridos. Os 3.500 soldados muçulmanos mortos em combate enquanto serviam no Exército Francês devem ser somados a esse total;
- 2.788 civis franceses mortos pela Frente de Libertação Nacional, e outros 875 desaparecidos;
- 141.000 membros da Frente de Libertação Nacional mortos em combate, e outros milhares que desapareceram após a batalha de Argel devem ser adicionados;
- 12.000 membros da Frente de Libertação Nacional vítimas de expurgos internos;
- 66.000 civis muçulmanos mortos pela Frente de

Libertação Nacional antes do cessar-fogo e provavelmente outros 150.000 posteriormente (principalmente os *harkis* e outros muçulmanos pró-franceses);

- Pelo menos 16.000 civis argelinos mortos durante os combates, as revoltas ou confrontos étnicos com os argelino-franceses ou com as forças de segurança francesas, ambos na França e Argélia.

O chefe da Frente de Libertação Nacional, Krim Belkacem, cita 300.000 mortos na comunidade muçulmana.

A França acabara de virar a página da descolonização e teve que estabelecer outra posição no tabuleiro mundial de xadrez. A Argélia teve que administrar sua independência.

DA AMÉRICA DO NORTE. A ARGÉLIA FOI ADMINISTRADA APARENTEMENTE COMO SE FOSSE A FRANÇA METROPOLITANA. ENTRETANTO, HAVIA UMA GRANDE DISPARIDADE ENTRE A FRANÇA E A ARGÉLIA: NA ARGÉLIA HAVIA DEZ MILHÕES DE MUÇULMANOS ARGELINOS PRIVADOS DE TODOS OS DIREITOS POLÍTICOS E 99% DA ECONOMIA ESTAVA NAS MÃOS DOS CIDADÃOS FRANCESES, MUITOS DOS QUAIS NASCIDOS E CRIADOS NA ARGÉLIA E QUE LÁ VIVIAM.

A seguir, revisaremos as principais lições aprendidas desse tipo de conflito entre uma guerrilha e um Exército regular.

TÁTICAS DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Recrutamento e divulgação da sua existência. Das origens humildes de seus desconhecidos e desarmados militantes, em dois anos a Frente de Libertação Nacional tornou-se uma força guerrilheira estruturada e bem armada, capaz de desafiar 500.000 soldados franceses num período de mais de cinco anos. Seu primeiro objetivo era recrutar e explicar suas ações nas cidades mais afastadas e nas regiões muçulmanas das cidades maiores. Além dessa atividade, a Frente de Libertação Nacional também criou uma entidade representante fora da Argélia, principalmente na Tunísia e no Egito, cujo objetivo era disseminar suas ações no cenário internacional. No entanto, o início foi repleto de dificuldades. Os elementos notáveis, que apoiavam os franceses, controlavam a população vacilante em se aliar à Frente de Libertação Nacional, quer por medo de uma poderosa e esmagadora força oposicionista ou por represálias, como aquelas realizadas subseqüentes ao levante popular em

Sétif, em 1945, ou simplesmente por lealdade, uma atitude de “ esperar para ver ” ou fatalismo.

A guerra étnica: A atitude de “ esperar para ver ” da população incitou certos líderes da Frente de Libertação Nacional a desencadear um conflito étnico. Ataques, assassinatos e massacres foram realizados contra os franceses na Argélia. Posteriormente, a Frente de Libertação Nacional evocou a guerra santa, entretanto a população não recebeu bem tal evocação, especialmente na região dos Berberes², que praticavam um tipo de islamismo tolerante. Contudo, os atritos entre as duas comunidades aumentaram e o ciclo de provocações e repressão inexoravelmente levou a população a pender para as guerrilhas.

A guerrilha: A Argélia, um país montanhoso, com bosques e escassamente habitado oferecia um terreno favorável às guerrilhas. Operando em áreas de densa vegetação, os grupos de resistências bem armados e estruturados hostilizavam os postos do Exército, as patrulhas e os comboios franceses. Essa foi uma

EM 1956, A FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL CONTROLAVA REGIÕES INTEIRAS E IMPUNHA SUA AUTORIDADE SOBRE A POPULAÇÃO MUÇULMANA. O EXÉRCITO FRANCÊS AUMENTOU SEU EFETIVO PARA 500.000 HOMENS, NO ENTANTO FREQUENTEMENTE TINHAM QUE MANTER UMA POSTURA DEFENSIVA. APESAR DOS TANGÍVEIS GANHOS MILITARES, A FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL COMPREENDEU QUE A VITÓRIA NÃO SERIA DE NATUREZA MILITAR, E SIM POLÍTICA.

guerra de emboscadas, na qual os que atacavam sempre tinham a vantagem do terreno e da surpresa. Quando o Exército Francês conduzia operações de cerco e vasculhamento, a resistência evitava o contato e desaparecia nos bosques. A unidade básica era a *Katiba* (um grupo de resistência de aproximadamente 150 homens). Algumas vezes, diversas *Katibas* uniam-se para conduzir uma operação conjunta de curta duração. A Argélia estava dividida em seis regiões, ou *Wilayas*, cada qual comandada por um coronel auxiliado por um assessor político que tinha à sua disposição uma unidade de tropa de elite, como o famoso comando *Ali Khoja*, sob a direção do major Azzedine, que manteve em estado de alerta os melhores regimentos franceses. Como sempre, neste tipo de conflito, entre os chefes locais havia líderes carismáticos, autênticos heróis, tiranos sanguinários e bandidos comuns.

Na Tunísia, a guerrilha possuía um Exército com dezenas de milhares de soldados que hostilizavam as unidades francesas dispostas ao longo da fronteira e depois retornavam ao território tunisiano. Esse Exército infiltrou-se na Argélia, escoltando diversos comboios de mula que transportavam armas para a resistência.

Terrorismo urbano. A Frente de Libertação Nacional sabia, desde o princípio, que uma vitória militar era impossível. A Frente satisfazia-se com a duração dos efeitos da guerra e também em não perdê-la, a fim de obter uma vitória política. A estratégia deu certo. A Frente de Libertação Nacional, a partir de então, viu-se obrigada a aumentar o nível de violência, para que a guerra na Argélia fosse debatida na ONU, na Liga Árabe e em outros órgãos internacionais. Além disso, os líderes da Frente de Libertação Nacional enfatizaram que uma emboscada conduzida em um vale isolado não causava mais do que um leve impacto psicológico e uma limitada cobertura pela mídia. Pelo contrário, uma bomba detonada em um teatro ou em um estádio em Argel era transmitida imediatamente pelos noticiários franceses e internacionais. Dessa forma, o terrorismo urbano era a inevitável linha de ação na guerra pela independência.

Controle da População. Os líderes da Frente de Libertação Nacional não haviam lido Mao Tse Tung, no entanto haviam instintivamente redescoberto o princípio fundamental da guerrilha: “o guerrilheiro deve estar imerso na população como um peixe dentro da água”. Por isso, a população constituía o principal esteio da guerra, pois a resistência rural e até mesmo as células urbanas não poderiam sobreviver sem o apoio diário de um grande setor da população.

Dois tipos de ações simultâneas eram necessários:

- **destruir a administração francesa e o poder da cultura francesa sobre a população:** uma campanha sistemática de assassinatos foi realizada contra os funcionários franceses e muçulmanos, prefeitos e professores: ataques que afetavam as escolas e as crianças muçulmanas proibidas, portanto, de frequentar as escolas francesas; o respeito pelo islamismo foi imposto, o que incluía a proibição do uso de álcool e tabaco; um código de impiedosas sanções foi brutalmente aplicado: advertência seguida de corte do nariz; uma reincidência, morte por decapitação.

- **controle da população através de uma administração autêntica paralela;** fosse voluntariamente ou através da força, a população era obrigada a fornecer informação, dinheiro e comida, além de ter que encontrar novos recrutas e obedecer a Frente de Libertação Nacional; a população era monitorada de perto por uma Organização Político-Administrativa altamente estruturada e que incluía cobradores de impostos, agentes de

inteligência, agentes de comunicações e propaganda, juízes, prefeitos, etc. Essa estrutura representava a concepção ou o embrião da futura administração do Estado Independente da Argélia.

TÁTICAS DO EXÉRCITO FRANCÊS

Uma doutrina de contra-guerrilha e pacificação.

Após ter perdido o controle de regiões inteiras em apenas dois anos e tendo que manter suas forças isoladas em seus acampamentos e postos, o Exército Francês aplicou uma estratégia abrangente que neutralizou o movimento guerrilheiro em questão de poucos anos. Muitos dos oficiais possuíam experiências em operações de contra-guerrilha obtidas nos nove anos da guerra na Indochina. Outros tinham experiência das tropas coloniais, com conhecimento extensivo da cultura argelina e da administração de populações. Juntos, eles criaram uma doutrina de pacificação que foi, mais tarde, ensinada aos Exércitos da América do Sul que enfrentavam guerrilhas comunistas e até no Forte Benning, no final da década de 60. Essa doutrina pode ser resumida em três objetivos essenciais e complementares:

A população é o principal esteio da guerra: para vencer, é necessário que a população apoie o Exército Francês, e não a Frente de Libertação Nacional, e que jovens argelinos parem de se aliar às guerrilhas.

Para obter o apoio do povo, é necessário fornecer uma mensagem política pelo menos tão forte e esperançosa quanto à da Frente de Libertação Nacional, assistência material e apoio humanitário consideráveis, que a Frente obviamente não podia fornecer, além de capacidades militares para “protegê-lo” das garras da Frente de Libertação Nacional e das suas represálias caso ele se unisse ao Exército Francês.

Os insurretos também deveriam ser impedidos de ter acesso a todos os seus meios externos de apoio para completar “a asfixia” causada pela perda do apoio popular interno. Portanto, o controle das fronteiras torna-se necessário.

Essa doutrina será aplicada progressivamente com sucesso.



Uma forte mensagem política: Integração versus Independência: À palavra mágica “Independência” (supõe-se que traga consigo felicidade, além de liberdade), o Exército Francês decidiu se opor a palavra “integração”, que significava: igualdade total entre argelino-franceses, portanto, com todos os cidadãos franceses, e também a expectativa de um padrão de vida igual ao da França. Isso era timidamente exigido antes de 1954. Em 1958, parte da população desgastada pela guerra, junto a alguns membros isolados e desanimados da resistência, estavam prontos para tirar vantagem dessa política — caso fossem garantidas a paz e a segurança. Isso explica o comprometimento em massa dos *harkis* e a decisão de milhares de rebeldes e aldeias, em 1959 e 1960, em apoiar o Exército Francês contra a Frente de Libertação Nacional.

Comprometido com essa trajetória, o Exército Francês ultrapassou os limites recomendáveis em países democráticos ao assumir um compromisso político deliberado. No entanto, o Exército Francês não se deu conta dessa situação porque toda a classe política daquela época declarara em unanimidade “Argélia francesa”. Conseqüentemente, não havia nada de errado em o Exército assumir a política do governo! O Exército rapidamente entrou em ação a partir do momento em que o governo lhe outorgou plenos poderes civis e militares na Argélia.

Pacificação e o método das quadrículas: o obje-

tivo da pacificação era destruir a organização político-administrativa da Frente de Libertação Nacional, restaurar simultaneamente a administração francesa e restabelecer um ambiente seguro que permitisse ao povo se reunir com os franceses sem ter que enfrentar riscos excessivos. O primeiro objetivo não poderia ser alcançado sem a coleta de inteligência humana, o que foi imediatamente explorado: polícia clássica e trabalho de contra-insurgência, facilitado pela organização altamente estruturada e padronizada das redes da Frente de Libertação Nacional.

O segundo objetivo precisava que o Exército substituísse totalmente a administração civil incapaz de atuar em uma área insegura. Ele assumiu a administração das escolas, clínicas e centros de saúde, estradas, e distribuição de água potável, etc. Esse objetivo foi alcançado através do estabelecimento

**UMA FORTE MENSAGEM POLÍTICA:
INTEGRAÇÃO VERSUS INDEPENDÊNCIA:
À PALAVRA MÁGICA “INDEPENDÊNCIA”
(SUPÕE-SE QUE TRAGA CONSIGO
FELICIDADE, ALÉM DE LIBERDADE),
O EXÉRCITO FRANCÊS DECIDIU SE
OPOR À PALAVRA “INTEGRAÇÃO”,
QUE SIGNIFICAVA: IGUALDADE
TOTAL ENTRE ARGELINO-FRANCESES,
PORTANTO, COM TODOS OS
CIDADÃOS FRANCESES, E TAMBÉM
A EXPECTATIVA DE UM PADRÃO
DE VIDA IGUAL AO DA FRANÇA.**

de quadrículas fechadas do território argelino em regiões, setores e subsetores. Cada companhia, em um posto isolado, controlava algumas aldeias e milhares de habitantes.

O Exército reforçou o aspecto da segurança, administrou a população e lutou contra as *Katibas* e a Organização Política Administrativa locais. Na verdade, eram os mesmos soldados que usavam armas, pás, caixas de primeiros socorros e livros escolares. O contato mantido criou um forte laço pessoal entre a população e a “sua” companhia. Uma vez estabelecida a confiança, a companhia propunha a criação de uma unidade de auto-defesa em cada aldeia e uma *harka* (unidade composta por soldados *harki*) que procuraria e destruía os rebeldes. A *karka* atuava em conjunto com a companhia francesa.

Grande parte dos efetivos da quadrícula era composta por unidades de recrutamento. Em média, esses recrutas permaneciam na Argélia por 28 meses após o treinamento inicial e, então, tornar-se-iam, com o

passar do tempo, soldados experientes que conheciam totalmente os seus setores e as táticas empregadas pelos rebeldes.

Cada batalhão tinha uma unidade de caçadores, frequentemente composta de ex-rebeldes que se uniam às *harkis*, capazes de seguir as *katibas* locais por várias semanas, seguindo o mesmo estilo de vida e de guerra dos insurgentes.

O método “das quadrículas” também era aplicado em áreas urbanas. A cidade de Argel foi dividida em setores e um chefe da região foi escolhido para vigiar todos os quarteirões da cidade. Esse indivíduo tinha a função de identificar todos os habitantes e os motivos de suas ausências: caso isso não fosse possível, o próprio indivíduo seria acusado de cumplicidade com a Frente de Libertação Nacional.

A guerra das fronteiras. Para que o fluxo de apoio externo aos rebeldes fosse detido, uma “barreira” foi construída ao longo da fronteira entre a Tunísia e a Argélia (e em menor grau ao longo da fronteira com o Marrocos) que se estendia do mar ao deserto. Essa barreira era constituída por diversas cercas de arame farpado eletrificado, campos minados, radares, estradas patrulhadas por elementos blindados e um cordão de postos afastados alguns quilômetros da fronteira, onde se encontravam estacionadas unidades de interdição. O objetivo dessa barreira não era o de varrer os insurgentes da área, e sim localizá-los imediatamente. Era um tipo de rede de pesca colocada pelas unidades de interdição por várias horas, o que interceptaria as *katibas* que se infiltravam nos comboios carregados de armas. A barreira era tão eficiente que membros da resistência na Argélia foram deliberadamente abandonados pelo Exército da Frente de Libertação Nacional na Tunísia onde certas unidades recusaram-se a participar de atentados suicidas de infiltração.

O PLANO CHALLE

Cada região tinha unidades de intervenção dedicadas a conduzir operações de cerco e vasculhamento em conjunto com as unidades designadas sob o método “de quadrículas”. Essas unidades eram geralmente regimentos profissionais (Legião Estrangeira, Pára-quedistas ou Fuzileiros Navais), no entanto certos regimentos pára-quedistas eram formados quase que inteiramente por recrutas. Em 1959, o General Challe teve a idéia de reagrupar esses regimentos de intervenção numa reserva estratégica (localizada na Argélia) empregando-os continuamente em operações em massa em todas as regiões da Argélia, começando naquelas nas quais a Frente de Libertação Nacional era menos ativa, como a região Oranie, e finalizando nos redutos de rebeldes de Kabylie e as Montanhas Aures. A operação sempre começava

como um esforço de cerco e vasculhamento de rotina, mas conduzida em nível regional. As tropas empregadas nessas missões eram desdobradas por semanas ou até mesmo meses. A tática habitual dos guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional de procurar por refúgios seguros ou de se esconderem em cavernas e esperarem pelo término de uma operação estava sendo frustrada. Após alguns dias, os guerrilheiros que precisavam sair em busca de comida e água, caíam em emboscadas que haviam sido preparadas dia e noite, ou eram atacados por aeronaves ou unidades de caçadores. Em dois anos, os guerrilheiros foram derrotados perdendo toda a sua capacidade ofensiva.

Ações das Forças Especiais e dos Serviços Secretos: O Exército Francês freqüentemente empregou Forças Especiais e unidades de “ação” pertencentes aos Serviços Secretos que já possuíam experiência da Guerra da Indochina. Em diversas ocasiões, conseguiram se infiltrar em redes de guerrilhas urbanas e em insurgências rurais ao empregar métodos de desinformação, confundindo, durante meses, certos líderes locais da Frente de Libertação Nacional. A operação mais nociva à Frente de Libertação Nacional foi a criação de uma rede terrorista imaginária posterior à batalha de Argel; redes formadas inteiramente por rebeldes que haviam recentemente se alistado no Exército Francês e que ativamente pediam apoio — armamentos, munições, explosivos e dinheiro — aos grupos guerrilheiros vizinhos. A “inatividade” persistente dessa rede eventualmente despertou a suspeita dos chefes locais. A falsa rede, então, “reconheceu” que havia sido infiltrada pelos franceses e havia provas de que as guerrilhas das áreas próximas também haviam sido infiltradas. Os chefes de várias localidades prenderam e torturaram os “suspeitos”, os quais denunciaram diversos cúmplices. Os boatos de uma “conspiração” chegaram aos ouvidos do Coronel Amirouche, o temido comandante de *Wilaya* de Kabylie, que rapidamente encontrou “evidências” de uma grande conspiração. Ele convenceu os comandantes dos outros *Wilayas* que eles também deveriam proceder com um expurgo cruento nas suas regiões. No decorrer de vários meses, milhares de membros legítimos da resistência foram executados. Todos os novos voluntários eram suspeitos de serem espíões franceses infiltrados e milhares de estudantes secundários e universitários, que recentemente haviam se juntado aos rebeldes, foram massacrados pelos insurgentes. A maioria dos insurgentes era de áreas rurais ou montanhosas e suspeitava dos estudantes e intelectuais vindos das cidades e que se aliaram lentamente à insurgência. Esses acontecimentos desencorajaram muitos simpatizantes a se aliarem aos insurretos.

O PROBLEMA LEGAL

Nos primeiros meses da guerra, a lei francesa do tempo de paz era aplicada integralmente (a palavra “guerra” nunca foi, de fato, usada, por não ter havido agressão estrangeira). Com base nisso, qualquer ato de agressão, quer fosse disparar uma arma, a prisão de um suspeito baseada numa acusação ou qualquer “combate”, era motivo de investigação policial e julgamento em potencial por um tribunal não militar. A maioria dos suspeitos era libertada por falta de provas e retornava à sua cidade de forma triunfante matando imediatamente os seus delatores. O sentimento de insegurança agravou-

PARA O EXÉRCITO FRANCÊS, O FIM DA GUERRA NA ARGÉLIA FOI UMA TERRÍVEL PROVAÇÃO. APÓS O FRACASSO DO GOLPE MILITAR PARA A TOMADA DE PODER EM ARGEL EM 1961, DEZENAS DE REGIMENTOS COM MAIOR PRESTÍGIO FORAM DISSOLVIDOS; VÁRIOS OFICIAIS ALTAMENTE CONDECORADOS, HERÓIS DA II GUERRA MUNDIAL E DA GUERRA DA INDOCHINA, FORAM JULGADOS E CONDENADOS À PRISÃO. MUITOS DELES FORAM OBRIGADOS A FUGIR DE SUA TERRA NATAL OU A PASSAR PARA A RESERVA.

se. As autoridades civis, incapazes de cumprir com suas missões perderam o seu poder para os militares.

Em 1957, surgiu na França uma polêmica a respeito do uso da tortura e execução sumária dos suspeitos pelo Exército, particularmente durante a batalha de Argel. Um general e diversos oficiais demitiram-se em protesto aos métodos ilegais, considerados contrários à ética militar, nefastos à imagem do Exército e freqüentemente contra-producente já que levavam o povo a simpatizar-se com a Frente de Libertação Nacional. Recentemente, dois generais que estiveram envolvidos na batalha de Argel admitiram ter recorrido ao uso de tais práticas — o único método disponível, segundo eles — para impedir o flagelo do terrorismo urbano contra a população civil. Inversamente, havia vários outros militares que afirmaram terem lutado segundo os limites legais e a honra militar. A controvérsia permanece até os dias atuais.

CONSEQÜÊNCIAS DA GUERRA DA ARGÉLIA

Ao desembarcarem na França, os argelino-franceses perceberam que amavam a sua terra natal e os seus cidadãos árabes mais do que a pátria mãe, que, na realidade,

apenas alguns conheciam. Contudo, essa população valorosa e proativa obteve grande sucesso na reintegração à sociedade francesa, ao mesmo tempo em que ainda preservava uma grande coesão entre si.

Em 130 anos de dominação colonial francesa e oito anos de guerra, a independência não foi capaz de oferecer a felicidade que o povo argelino almejava. Três dos chefes da insurgência e as forças de resistência que sobreviveram foram rapidamente despojados do poder pelos líderes que desfrutavam do apoio do Exército sediado na Tunísia. Na luta subsequente pelo poder, o povo argelino teve que se submeter a uma ditadura socialista, uma ditadura militar, guerras de

A GUERRA DA ARGÉLIA TEVE, PELO MENOS, UM BENEFÍCIO — JOVENS OFICIAIS LERAM AS ESTÓRIAS DOS SEUS ANTECESSORES. ELES SABEM QUE, EM GRANDE PARTE, ESSA GUERRA FOI CONDUZIDA POR TENENTES E CAPITÃES. A MAIORIA DESSES OFICIAIS SONHA EM SER, PELO MENOS UMA VEZ EM SUAS CARREIRAS.

fronteiras com o Marrocos, rebelião crônica de Kabylie na região de Berbere, a crise econômica latente, assassinatos políticos, terrorismo e uma guerra civil contra os insurgentes islâmicos. Segundo dados da ONU, em 1954 o PIB da Argélia ocupava a 14ª posição mundial. Em 2001, e apesar da alta na produção do petróleo no Saara, a Argélia ocupava a 74ª posição internacional.

As relações entre a França e a Argélia enfrentam dificuldades em voltar ao normal devido ao seu passado, sua proximidade geográfica e cultural e também devido à importância da comunidade imigrante argelina na França.

Para o Exército Francês, o fim da guerra na Argélia foi uma terrível provação. Após o fracasso do golpe militar para a tomada de poder em Argel em 1961, dezenas de regimentos com maior prestígio foram dissolvidos; vários oficiais altamente condecorados, heróis da II Guerra Mundial e da Guerra da Indochina, foram julgados e condenados à prisão. Muitos deles foram obrigados a fugir de sua terra natal ou passar para a reserva. Diversos membros militares da Organização Secreta do Exército,

incluindo um coronel, foram executados por um pelotão de fuzilamento. Um general, leal ao De Gaulle e designado a presidir uma corte marcial, tirou a própria vida, a fim de não ter que julgar os seus companheiros. Por muito tempo, o Exército permaneceu dividido entre os intransigentes da antiga Argélia francesa e aqueles da campanha de De Gaulle. As Forças Armadas, durante muito tempo, abrigaram uma desconfiança da classe política, que provara ser capaz de modificar políticas no meio da guerra, não manter professada de forma desonrosa a palavra dada e abandonar o povo que se aliara ao Exército. Inversamente, parte da opinião pública preservou a imagem de um exército capaz de organizar um golpe militar ou de intervir nos serviços democráticos das instituições políticas, o que explica a falta de confiança em um exército profissional voluntário e a preferência por um exército de recrutas alistados, sentimento este que permaneceu até a abolição do recrutamento obrigatório, em 2002.

No entanto, a guerra da Argélia teve, pelo menos, um benefício — jovens oficiais leram as histórias dos seus antecessores. Eles sabem que, em grande parte, essa guerra foi conduzida por tenentes e capitães. A maioria desses oficiais sonha em ser, pelo menos uma vez em suas carreiras, o comandante de uma unidade de caçador ou de um posto avançado isolado, junto aos seus homens e afastado dos oficiais de mais alto escalão, lutando com plena iniciativa no *seu* setor, contra os *seus* inimigos, contra quem ele também compete para ganhar os corações e mentes do *seu* povo. Essa cultura lhes dá condições para rápida e eficazmente adaptarem-se às operações de estabilidade ou de manutenção da paz. Entretanto, as lições aprendidas na guerra da Argélia foram fortemente marcadas na memória coletiva — não prometemos o que não pudermos cumprir, não interferirmos na política e estarmos preparados para nos retirar com a consciência limpa. **MR**

Referências

1. Entre eles estavam fortes minorias de imigrantes italianos, espanhóis, armênios, israelenses e gregos. Apelidados de Pieds Noirs (pés negros), os argelino-franceses mantiveram o espírito pioneiro dos primeiros colonizadores. Milhares de argelinos de nascimento, essencialmente os veteranos de guerra, tinham também nacionalidade francesa.

2. Os Berberes são os habitantes autóctones de Maghreb, presentes antes da conquista árabe da região. Eles compõem o segundo maior grupo étnico no norte da África e têm língua e cultura próprias, e sempre exigem respeito aos seus direitos e autonomia administrativa.

O Coronel Gilles Martin, do Exército Francês, é formado pela Academia Militar de Saint Cyr; tendo sido promovido ao posto atual em 1999. Desempenhou várias funções na ex-Iugoslávia como parte da Força de Estabilização (SFOR) e da Força de Kosovo (KFOR) e participou de inúmeros exercícios da OTAN e do Comando Central dos EUA. O Coronel Martin recebeu várias condecorações, dentre as quais a da Legião de Honra e a da Ordem do Mérito Nacional.